

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

CARMELLA DE SOUZA BOCARDI

***AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE ATRAVÉS DO ESPAÇO-TEMPO:*
UMA ANÁLISE DAS TRANSGRESSÕES ESPAÇO-TEMPORAIS NA OBRA DE
JOSÉ SARAMAGO**

Porto Alegre

2023

Carmella de Souza Bocardi

***AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE ATRAVÉS DO ESPAÇO-TEMPO:*
UMA ANÁLISE DAS TRANSGRESSÕES ESPAÇO-TEMPORAIS NA OBRA DE
JOSÉ SARAMAGO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jane Fraga Tutikian

Porto Alegre

2023

Carmella de Souza Bocardi

***AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE ATRAVÉS DO ESPAÇO-TEMPO:
UMA ANÁLISE DAS TRANSGRESSÕES ESPAÇO-TEMPORAIS NA OBRA DE
JOSÉ SARAMAGO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Letras.

Porto Alegre, 14 de abril de 2023

Resultado: Aprovado com conceito A

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Jane Fraga Tutikian (Orientadora)
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Daniel Conte
Departamento de Literatura
Universidade Feevale (FEEVALE)

Profª Drª Cristina Arena Forli
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Margarida de Souza, pelo apoio incondicional e pelo zelo constante.

Ao meu pai Dionísio Boccardi, pela orientação de me tornar professora, pelo seu cuidado e apoio.

Aos meus irmãos Renato, Cícero e César Boccardi, pelo apoio, escuta e incentivo.

À minha mãe de coração Fátima Regina Ferreira, professora, mulher negra e forte, pelo cuidado, carinho e apoio antes, durante, e certamente após essa jornada.

Aos meus avós de coração Jahyr e Gasparina por todo o seu apoio e incentivo.

Ao meu companheiro Mário Ferreira, pelo apoio e carinho incondicionais em todos os momentos dessa jornada.

À minha grande amiga Camila Neves, por todo o apoio prestado para que essa jornada fosse possível.

À minha amiga Flávia Paiani, por todo o apoio ao longo dessa jornada.

Ao meu amigo Emerson Folharini e sua família por todo seu apoio antes, durante e certamente após essa jornada.

Aos meus colegas e grandes amigos, Henrique Nunes, Victória Lisboa, Stephany Molinari e Camille Gomes da Silva, pelo apoio em momentos tão decisivos desta jornada.

Ao Professor Dr Ian Alexander, sem o qual este momento provavelmente não seria possível.

À minha orientadora Professora Dr^a Jane Fraga Tutikian, pelo carinho, compreensão e dedicação ao longo dessa jornada.

“O tempo desloca-se dentro de si próprio movido pela angústia e pelo desejo. O tempo não tem vontade, tem instinto. O tempo é menos do que um animal a correr. Não pensa para onde vai. Quando para, é a angústia ou o desejo que o obrigam a parar.”

(José Luís Peixoto)

RESUMO

O presente trabalho busca analisar, sob a ótica dos estudos epistemológicos de Gaston Bachelard (1979), Henri Bergson (1999, 2006), Maurice Halbwachs (1990) e Carlo Rovelli (2017), as transgressões espaço-temporais encontradas na narrativa do romance *As Intermittências da Morte* de José Saramago. A pesquisa vislumbra o romance do escritor português José Saramago como uma potencialidade de transgressão dos fenômenos espaciais e temporais, através da memória individual e coletiva, explorando como a força catalisadora dessas transgressões, a personificação da morte e posterior ruptura da humanidade com o conceito conhecido de mortalidade. É feita uma análise qualitativa, apoiando-se em técnicas de comparação literária, tendo o romance completo como corpus simbólico, contendo o estudo de trecho, apontando como o espaço, tempo, e memória são transfigurados na intertextualidade da narrativa. Analisada sob a ótica epistemológica de Bachelard, Bergson, Halbwachs e Rovelli, a obra pode ser lida como a transfiguração das consequências de uma transgressão do espaço-tempo.

Palavras-chave: José Saramago; Espaço; Tempo; Memória; Transgressão; Literatura comparada.

ABSTRACT

The present work aims to analyze, from the perspective of the epistemological studies of Gaston Bachelard (1979), Henri Bergson (1999, 2006), Maurice Halbwachs (1990) and Carlo Rovelli (2017), the space-time transgressions found in the narrative of the novel *As Intermittências da Morte* by José Saramago. The research envisions the novel by the Portuguese writer José Saramago as a potential transgression of spatial and temporal phenomena, through individual and collective memory, exploring how the catalytic force of these transgressions, the personification of death and subsequent rupture of humanity with the known concept of mortality. A qualitative analysis is carried out, based on literary comparison techniques, having the complete novel as a symbolic corpus, containing the study of excerpts, pointing out how space, time, and memory are transfigured in the intertextuality of the narrative. Analyzed from the epistemological point of view of Bachelard, Bergson, Halbwachs and Rovelli, the work can be read as the transfiguration of the consequences of a space-time transgression.

Keywords: José Saramago; Space; Time; Memory; Transgression; Comparative literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
INTERMITÊNCIAS.....	9
2 SARAMAGO: ESCRITOR E CIDADÃO.....	12
2.1 ANTES ESTAVAS, AGORA JÁ NÃO ESTÁS - INTERMITÊNCIAS.....	13
2.2 COMO SE O TEMPO TIVESSE PARADO.....	15
3 ESPAÇO: UMA VIA POÉTICA NECESSÁRIA.....	18
3.1 UMA TRANSGRESSÃO POÉTICA.....	20
3.2 A DILATAÇÃO DO ESPAÇO: UMA VISTA MULTIDISCIPLINAR.....	23
4 TEMPO: VISÕES SOBRE A TEMPORALIDADE.....	25
4.1 BERGSON E A MORTE COM LETRA GRANDE.....	27
4.2 BACHELARD E A MORTE COM LETRA GRANDE.....	28
5 MEMÓRIA, ESPAÇO-TEMPO E A MORTE.....	31
5.1 MEMÓRIA: O ACESSO À REALIDADE.....	33
5.2 MEMÓRIA, COLETIVIDADE E INDIVIDUALIDADE.....	35
5.3 ILUSTRAÇÕES NARRATIVAS.....	36
6 CONCLUSÃO.....	39
AS TRANSGRESSÕES ESPAÇO-TEMPORAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

INTERMITÊNCIAS

Ao depararmos-nos com o romance *As Intermittências da Morte* (2005), de José Saramago, destaca-se de antemão a palavra "intermittências"; essa é uma palavra que por sua definição representa uma pausa durante um período de tempo, uma pausa que irá recomeçar; indica que ali está posta uma interrupção, um intervalo. É justamente desta percepção que esta pesquisa se ocupa, mais precisamente, da transgressão no espaço-tempo que uma intermitência da morte pode representar, afinal de contas, a morte, desde que o mundo é mundo, nunca havia "intervalado". Neste sentido, o trabalho de Elizabete Sibin (2015) "A representação ficcional do tempo na narrativa de José Saramago", foi seminal para a concepção de ideia de tempo suspenso dentro da obra analisada, de modo que, a partir dele busquei compreender de que forma configuram-se, dentro da narrativa da obra de José Saramago, as transfigurações de um espaço-tempo transgredido. Com efeito, argumento que é através da memória e da personificação da morte que vislumbramos a transgressão do espaço-tempo no texto de "Intermittências da Morte".

Para analisar o texto da narrativa e as transfigurações que o mesmo carrega, foi utilizado um método analítico comparativo, relacionando o texto de José Saramago à filosofia e à sociologia, e em um movimento de interdisciplinaridade, à física-filosófica. Assim, foi criado um corpus epistemológico a partir das obras de Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço* (1979), Henri Bergson, *Memória e Matéria* (1999) e *Memória e Vida* (2006), Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva* (1990) e Carlo Rovelli *A Realidade Não é o que Parece* (2017). A este referencial teórico basilar, somam-se como apoio, Conrado (2016), Dimas (1985), Martins (2004) e Worms (2004), dentre outros, cujo os trabalhos foram de suma importância para a elucidação de pontos chave nesta pesquisa, especialmente, no que diz respeito às concepções de espaço e de tempo.

Desta forma, esta pesquisa apresenta o seguinte objetivo geral: (1) demonstrar que existem transgressões espaço-temporais no romance de José Saramago e que as mesmas estão dispostas na narrativa através da personagem da Morte. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca: (1) compreender como o texto transfigura a noção de espaço e tempo ao longo da narrativa, refletindo como a percepção desses fenômenos afeta os personagens; (2) analisar como a memória individual e coletiva é transfigurada na narrativa e, de que forma os processos históricos e culturais afetam a construção dessa memória pelos personagens; (3)

demonstrar como as transfigurações dispostas no texto, subtexto e na intertextualidade propõem uma reflexão sobre a mortalidade humana.

Ademais, essa pesquisa visa contribuir para o campo de análise do espaço e do tempo, na obra recente de Saramago, para além de um acessório narrativo, estudando esses fenômenos como essenciais à construção da narrativa.

A estrutura dessa pesquisa será organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo traz uma contextualização do autor, José Saramago, como um escritor-cidadão interventivo. Para tanto, busca-se analisar a sua biografia, de forma breve e objetiva, principalmente através de sua atuação política, e dos estudos feitos pelos autores Ruivo (2021), Real (2010), Lopes (2014), Lima (2017) e Sibin (2015) acerca de sua obra e as influências políticas, históricas e sociais que a perpassam.

O segundo capítulo aborda o aspecto do elemento espaço na narrativa de Saramago utilizando como base analítica principalmente a obra *A Poética do Espaço* (1979) de Gaston Bachelard, onde o autor explora a relação entre o ser humano e o espaço, analisando como a imaginação, a memória e a emoção moldam nossa percepção a respeito do mundo que nos rodeia. Ademais, como auxílio analítico utilizamos Dimas (1985) que nos ilumina sobre os escritos de Osman Lins acerca da diferenciação entre ambientação e espaço. Para além disso, trazemos uma vista interdisciplinar do espaço através do livro *A Realidade Não é o que Parece* (2017), de Carlo Rovelli, onde o autor argumenta que a noção clássica de espaço como um contêiner vazio é equivocada, defendendo que o espaço é um tecido dinâmico e fluido que se curva e se dobra em resposta à matéria e à energia.

O terceiro capítulo tratará dos aspectos do elemento tempo e como eles se constituem na narrativa de Saramago. Para tanto, trazemos em um primeiro momento algumas visões de temporalidade, fazendo um recorte a partir de Platão e sua visão sobre o tempo na obra *Timeu* (2011), apoiado pelo trabalho de Martins (2004), que elucida muito sobre as visões de temporalidade ao longo do percurso histórico da humanidade. Ademais, como base de análise comparativa, será utilizado o trabalho de Worms (2004) "A concepção bergsoniana do tempo", para uma leitura das visões de Bergson sobre a temporalidade e como as mesmas se aplicam às transgressões espaço-temporais no romance corpus simbólico desta pesquisa. Por fim, abordo a oposição nas visões de temporalidade de Bachelard e Bergson apontadas por Martins (2004), analisando de que maneira essa oposição epistemológica pode ser aplicada ao estudo do texto de Saramago.

O quarto e último capítulo aborda a relação entre memória, espaço-tempo e a concepção de mortalidade humana, demonstrando como o movimento constante entre a

construção da memória coletiva e da memória individual, afeta e é afetado, em certa medida, pela ruptura dos personagens com os processos históricos, sociais e culturais, bem como, com os sistemas de crenças individuais. O capítulo explora as teorias de Henri Bergson em *Matéria e Memória* (1999) e *Memória e Vida* (2006); e de Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva* (2006). Por fim, o capítulo apresenta também, um estudo de ilustrações narrativas, isto é, um estudo de trechos da obra sob a ótica dos autores que serviram como base teórica para o estudo da construção da memória.

2 SARAMAGO: ESCRITOR E CIDADÃO

Nascido em Azinhaga, Portugal, no ano de 1922, advindo de uma família de agricultores - fato que seria de grande relevância em sua obra literária -, José de Sousa Saramago trabalhou inicialmente como serralheiro mecânico, nutrindo seu interesse e dedicação à literatura desde tenra idade. Seu primeiro livro, *Terra do Pecado*, foi publicado em 1947, entretanto, o autor viria a ganhar reconhecimento internacional somente em 1982 com o romance *Memorial do Convento*. Saramago é um dos mais renomados escritores da língua portuguesa, sendo o único autor lusófono a receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. A produção literária de Saramago é extensa e diversa, perpassando de poemas, contos, teatro, até memórias e crônicas, todavia, como aponta Ruivo (2021), a sua exegese aponta para um escritor e cidadão atento e interventivo; Saramago engloba em seu discurso, frequentemente, temas que abordam uma sociedade que menospreza a ética, enfraquecida nos valores humanos, solidários e na justiça social.

Com efeito, sua posição política foi profundamente influenciada por suas experiências pessoais, por exemplo, a infância pobre que o afastou dos estudos liceais e a vida dos pais agricultores - embora seu pai mais tarde tenha se tornado policial - transpondo-se assim para a sua obra de maneira filosófica ou explícita (RUIVO, 2021) e, por vezes, provocativa. Uma importante ilustração dessa influência pode ser encontrada no livro publicado em 1980, *Levantado do Chão*, obra que marca a entrada de José Saramago em sua fase "luminosa". Referido por diversas vezes como o primeiro livro de Saramago a obter significativo sucesso comercial, é também lembrado como a marca de transição do autor à sua fase histórica que se findaria com o *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), transitando então para a sua fase filosófica. Em *Levantado do Chão*, vemos uma epopéia familiar que narra a saga de três gerações de uma família de camponeses alentejanos, justamente, de onde provém a sua família de agricultores.

Assim, quase que em um movimento natural, Saramago identificava-se com o socialismo democrático e foi um defensor ativo dos direitos humanos e da justiça social, membro ativo do Partido Comunista Português (PCP), participando de campanhas políticas em Portugal e no exterior. Neste sentido, mostrou-se um crítico contundente do regime autoritário de Salazar, apoiando a Revolução dos Cravos, que levou à queda do regime em 1974. Em sua obra literária, de acordo com Miguel Real, Saramago "defendeu consistentemente o socialismo democrático e a justiça social" (REAL, 2010, p. 3). Saramago

também foi um forte defensor dos direitos humanos e da liberdade de expressão, e criticou a censura e a opressão política em seus escritos e discursos.

Deste modo, Saramago é capaz de articular sua posição política e ideologia marxista ao longo de sua produção literária, "[p]rimordialmente através de sua compreensão acerca do movimento que estrutura a história do homem" (PEREIRA e LACERDA, 2008, p. 3). Ademais, é através do realismo fantástico, embora considerado por "[...] parte da crítica como um escritor circunscrito ao neorrealismo português [...]" (LOPES, 2014, p. 28), e de universos que extrapolam as possibilidades plausíveis ao cotidiano, que o escritor e cidadão atenta-se para as mazelas desse mesmo cotidiano, da sociedade burocrática e vil, sem perecer a essas mesmas mazelas. Em suas próprias palavras, em entrevista concedida ao professor universitário Carlos Reis:

Eu refuto a literatura de partido, coisa que, aliás, parece que se pode deduzir facilmente daquilo que fiz até hoje. O que eu não refuto é isto: se eu estou ideologicamente determinado ou caracterizado de uma certa maneira, se sou uma pessoa cujo mundo está organizado também em função de um certo entendimento da História ou da sociedade ou do funcionamento das forças sociais, então eu creio que, mesmo que eu não esteja a dizer naquilo que escrevo «Viva o Partido!», é fácil ao leitor atento entender que o autor que ele está a ler pensa de uma maneira determinada. (REIS, 1998. p.75).

2.1 ANTES ESTAVAS, AGORA JÁ NÃO ESTÁS - INTERMITÊNCIAS

Ao ser questionado, durante entrevista em sua casa nas Ilhas Canárias, sobre ter medo da morte, Saramago responde evocando a memória de sua avó: "O pior que a morte tem é que antes estavas, e agora já não estás [...] ela não tinha pena de morrer, ela tinha pena de já não estar no futuro [...]" (100TVBRASIL, 2010, 00:10-01:02). As palavras do autor iluminam alguns aspectos de sua obra, *As Intermitências da Morte* (2005), que pode ser compreendida pelo prisma reflexivo da maneira como o próprio Saramago lidava com a morte, tema que, aliás, se faz presente em grande parte de sua produção literária. A narrativa se passa em um país imaginário onde, de repente, a morte decide parar de trabalhar. As pessoas deixam de morrer e o mundo, que em primeira resposta sente-se agraciado por Deus, entra em colapso ético, moral e burocrático.

Com efeito, a obra explora as consequências da ausência da morte, trazendo à superfície questões filosóficas existencialistas profundas. Neste sentido, a interrupção da morte como tema central da obra permite a Saramago fazer reflexões sociais, políticas e econômicas sobre uma sociedade em que o ciclo natural da vida é interrompido. A construção das personagens, a presença de elementos fantásticos e surrealistas e as possíveis influências

literárias têm sido objeto de estudo e análise, ademais a presença de uma transgressão do espaço-tempo, especialmente através da memória, vem sendo discutida por especialistas como Lima (2017), que aponta para a crença de Saramago no fato de que "[...] nós somos a memória que temos, dizer quem é, através da escrita literária, seja em poesia, romance, crônica ou qualquer outro gênero, significa tomar a memória como base [...]" (LIMA, 2017, p.81). Além disso, Sibin (2015), afirma que a voz, em terceira pessoa, que narra a história ocorrida em um local e em um tempo não situados especificamente, apenas demarcando algumas pistas, como "no dia seguinte", "as vinte e três horas e cinquenta e nove minutos daquele dia 31 de dezembro", "em menos de quarenta e oito horas o embandeiramento alastrou todo o país" (SARAMAGO, 2005, p. 11-12 e 24), corroboram para a promoção da universalização do tempo e do espaço. Deste modo, *As Intermitências da Morte* poderiam estar ocorrendo em qualquer espaço-tempo contemporâneo, apontando para uma transgressão a partir de uma anormalidade do ciclo natural da vida.

Todavia, longe de tentar bater algum martelo acerca do que o autor dizia sobre si mesmo quando escreveu sobre a morte, o tempo e o espaço, tendo em vista o já exposto e diante de suas próprias palavras, é inevitável apontar para suas experiências como inspiração penetrante em sua obra. Assim, torna-se vital que um leitor atento perceba já na dedicatória da obra a possível representatividade que a companheira do autor, Pilar, terá nessa produção: "A Pilar, minha casa.". Não é, também, que Pilar vá estar ali, inserida como personagem literal, nem mesmo como sombra de um subtexto, talvez ela seja a obra em si. Fato é que a essência de transgredir um espaço-tempo está, provavelmente, muito mais calcada na nossa necessidade de estar em um futuro que temos motivos para querer ver, do que na própria necessidade de avanços científicos pretensiosos, ou ainda, de desdobrar o que o homem ainda não foi capaz.

Neste sentido, ao refletir sobre temas existencialistas, como vida e morte, o autor lida também com a própria finitude e continuidade, para além das críticas às estruturas sociais, vislumbramos em sua obra um mundo onde se pode continuar, entretanto, isto não se constitui necessariamente em uma dádiva. Poderia estar aí inserida, nesta essência, a homenagem a Pilar, a divagação sobre não estar mais presente em seu futuro, mas através dessa transgressão espaço-temporal encontrar uma forma de ali estar, uma forma que transcende os limites do cotidiano e é alheia às normas da própria vida. Se por um lado, é a morte que nos delimita o tempo, é a impossibilidade de controlá-la que nos separa de tudo o que é divino, ou poderia ser exatamente ao contrário, não ter controle sobre a finitude, isto é, a morte, é o que nos torna seres divinos em uma terra - espaço - onde tudo é sublime justamente pela sua finitude.

Assim, as palavras de Sibin (2015), em relação à personagem da Morte, ilustram majestosamente o já exposto:

Ao se interessar pelo violoncelista, as perspectivas de futuro da sinistra personagem estão diretamente relacionadas ao seu envolvimento com o músico. A vontade de viver o futuro ao lado dele é tão grande que, em nome do amor que sente, a morte metamorfoseia-se em uma linda mulher, que consegue conquistá-lo e, por isso, abandona definitivamente seu posto de ceifadora do tempo. (SIBIN, 2015, p.13)

Deste modo, Saramago expressaria em prosa os sentimentos mais aflitos em relação a beleza da finitude terrena, transgredindo esse espaço e tempo, para deixar a Pilar um testamento de presença; é como se nos fizesse ver a necessidade dessa finitude que não necessariamente nos tira do futuro, mas sim, é ela mesmo o que nos fará estar nele, em um espaço-tempo universal, um testamento que poderia ser assim encapsulado em um breve deixem-me ir e serei eterno.

2.2 COMO SE O TEMPO TIVESSE PARADO

A concepção de tempo e espaço em *As Intermitências da Morte* é algo que chama a atenção não só de leitores atentos como de estudiosos da produção de Saramago, Sibin (2015), afirma que existe um tempo cíclico no romance, fato delimitado pela frase que abre e fecha a obra: "no dia seguinte ninguém morreu" (SARAMAGO, 2005, p. 11 e 207). A narrativa é construída de maneira que o tempo e o espaço são dilatados e contraídos, criando um efeito de atemporalidade e simultaneidade. O autor faz com que o leitor se sinta imerso em um mundo onírico, onde as leis da física e do tempo não se aplicam da maneira convencional. Esses espaços-temporais, pois o espaço vai ser muito marcado embora não delimitado na narrativa, colocam a morte como uma personagem que também viverá uma experiência temporal (SIBIN, 2015) deixando a eternidade e passando a jogar com essas transgressões temporais, causadas em certa medida por ela mesma.

Ademais, é possível relacionarmos a concepção de tempo e espaço em *As Intermitências da Morte* com a filosofia do tempo de Bergson, que concebia o tempo como uma duração contínua e não como algo fragmentado e mensurável. Saramago, ainda que intuitivamente, utiliza essa ideia para criar uma atmosfera em que o tempo e o espaço são fluidos e maleáveis, e não estão limitados às dimensões convencionais. Tomemos como ponto de partida o que afirma Sibin (2015): é a suspensão do tempo dentro daquele espaço, que nos trará o senso de universalidade e ciclicidade de uma flecha do tempo¹ que não pode mais ser

¹ A flecha do tempo, também chamada de seta do tempo, é o conceito que postula a "direção de mão única" ou "assimetria" do tempo. Foi desenvolvido em 1927 pelo astrofísico britânico Arthur Eddington, e é uma questão

fragmentada, linear e óbvia como a conhecemos: "E depois, como se o tempo tivesse parado, não aconteceu nada" (SARAMAGO, 2005, p. 12).

Já em relação ao espaço, a narrativa apresenta uma representação bastante particular vislumbrada a partir da ausência de nomeação territorial, de especificidade de local, mas repleta de marcação insistente para dentro de uma fronteira: "[...] não havia constância de se ter dado em todo o país um só falecimento que fosse" (SARAMAGO, 2005, p. 13). Com efeito, seja esta uma forma de escapar de limitações impostas pelo dito real, físico e tangível ou uma maneira de descortinar um espaço terreno e onírico, onde as fronteiras que existem na realidade cotidiana não são somente borradas como cruciais. Na obra, o espaço não é limitado pelas fronteiras geográficas que já conhecemos, portanto, pode estar em qualquer lugar e ao mesmo tempo, e para que se retome qualquer centelha de conformidade às regras naturais da vida e morte, é necessário deslocar-se para fora deste espaço.

Neste sentido, os personagens inseridos em um espaço-tempo transgredido e suspenso, precisam lidar com as suas questões existenciais, que, de maneira bastante irônica, deparam-se com os dilemas de seu próprio desejo de não finitude, onde os valores éticos e morais são postos a prova. Estes são personagens que precisam resolver questões extremamente profundas que estão seguras apenas por pequenos fios burocráticos e religiosos que não se sustentam ante qualquer alteração espaço-temporal, representada dentro da narrativa pela própria ausência da Morte. Assim, através de sua escrita livre, onde o ponto final nem sempre é acrescentado à frase - o que rende uma boa sensação cíclica -, e a vírgula não separa as orações - o que gera uma boa sensação de espaço indefinido -, Saramago dita o ritmo em que se inserem personagens vitimados pela própria ânsia de estar no futuro.

Tomemos como exemplo do já exposto, a maneira como a suspensão do tempo dá lugar a problemas de ordens que colocam em uma berlinda os valores da sociedade representada naquele espaço, conforme aponta Sibin (2015, p.202): o que fazer com os idosos? E com os moribundos? E a aposentadoria, será eterna? Como resolver o possível caos no sistema de saúde? E a igreja sem a ressurreição? O que fazer com as funerárias, as companhias de seguro, as fronteiras? Se por um lado essas questões dominam o tempo presente das personagens, elas remetem especificamente para um futuro, caracterizam-se por serem problemáticas referentes ao futuro das personagens, aquele onde se queria estar. E é claro, teremos aí a insólita intervenção de um governo e uma igreja para propor soluções - ainda que ineficazes - aos problemas do futuro (SIBIN, 2015), com direito à participação da

de física geral não resolvida. (Flecha do Tempo. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Acesso em: 08 Março 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Flecha_do_tempo)

Maphia para retirar os personagens do espaço demarcado e permitir o não permissível: morrer de morte matada. Pois sim, morte matada na visão do governo e da igreja, uma vez que só morreria quem fosse retirado do espaço abençoado pela ausência da Morte. É precisamente através dessa ironia que Saramago desloca o cotidiano para dentro da anomalia espaço-temporal que colocará à prova tudo o que os personagens e o leitor sabem sobre vida e morte, sobre desejar estar no futuro, que vejamos bem, poderia ser precisamente aqui e agora.

3 ESPAÇO: UMA VIA POÉTICA NECESSÁRIA

Ao analisar a narrativa de *As Intermittências da Morte*, optamos por nos concentrar em categorias que não são estudadas com frequência dentro de narrativas: tempo e espaço, mais precisamente, as transgressões espaço-temporais potencialmente articuladas ali dentro. É claro que existem numerosos estudos sobre o tempo e o espaço dentro de narrativas, especialmente quando essas narrativas debruçam-se sobre um espaço e tempo específicos e de grande relevância histórica e social, por exemplo, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, conforme aponta Conrado (2015). Já na narrativa que aqui estudamos, as análises do espaço mostram-se complexas, pois como analisar um espaço que pode ser qualquer espaço, salvo algumas pistas como: "[...] foi só porque a morte havia deixado de operar neste país desde o princípio do ano" (SARAMAGO, 2005, p. 25). Assim, para além do espaço como via poética, iluminado pelos estudos de Bachelard (1979), propomos um estudo técnico da representação do espaço dentro da narrativa-escopo dessa análise.

Neste sentido, geralmente, quando se propõe o estudo de uma narrativa, Conrado (2015) aponta que são três os planos que ressaltam: o estrutural, o contextual e o semântico, focalizando-se mais nos estudos das personagens, narradores e temáticas. Assim, o elemento "espaço", tende a sair do escopo analítico, tornando-se elemento secundário. Na narrativa de Saramago, propomos que o espaço é elemento vital, para além de papel histórico ou social, este espaço não definido e sem nome, vai atuar como uma espécie de personagem da narrativa. Nossa proposta é um tímido afirmar que sem este espaço, do modo como é repetidas vezes reafirmado na obra, a narrativa poderia ser outra, o sentido poderia acabar se alterando. Talvez seja o senso das fronteiras que se desenvolvem por um terreno que pode ser um aqui ou um ali, que transporte a carga poética e a catarse da obra em si, afinal, ao deslocar o espaço dessa forma, transgride-se a noção de algo que está a contecer no "lá", ou seja, em determinado local distante do afortunado leitor que é exposto ao ocorrido. Assim, os pobres moribundos que não mais podem descansar nem ver o fim de suas aflições poderiam estar ao lado do próprio leitor:

Numa aldeia qualquer, a poucos quilómetros da fronteira com um dos países limítrofes, havia uma família de camponeses pobres que tinha, por mal dos seus pecados, não um parente, mas dois, em estado de vida suspensa ou, como eles preferiam dizer, de morte parada. (SARAMAGO, 2005. p. 38)

Com efeito, o elemento "espaço" não atua na narrativa como mero aparato decorativo ou para conferir alguma verossimilhança, mas sim como via geradora de sentido, e principalmente de reflexão sobre vida e morte, uma vez que é nessa indeterminação do espaço

que os personagens - e o leitor - vão precisar redescobrir a si próprios para adequar-se à uma nova realidade. Assim, os escritos de Dimas (1985), lançam uma luz sobre a questão do elemento "espaço" na obra de Saramago: "[o] espaço pode ser um caractere da narrativa, propositalmente elaborado de maneira, talvez, implícita pelo escritor a fim de revelar algum "segredo" ou função à medida que é percebido no texto" (DIMAS *apud* CONRADO, 2015, p. 128). Dessa forma, conforme aponta Dimas (1985), é necessário que façamos também a distinção entre o espaço e a ambientação da obra, que especificamente na narrativa de *Intermitências da Morte*, é bastante marcada.

Neste sentido, tomemos como auxílio analítico o que nos traz Dimas (1985) sobre os escritos de Osman Lins acerca do tema ambientação e espaço, sendo a primeira a "atmosfera" criada na narrativa, seja pelo narrador, ou pelos pensamentos e ações dos personagens, e o segundo é o espaço físico literal: a casa, a igreja, o teatro, por exemplo. Quanto a essa diferenciação, Dimas (1985), afirma: o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. Desta forma, é possível pensarmos o espaço na narrativa estudada como um ponto vital, pois ao instaurar espaços indeterminados explicitamente, isto é, propositalmente, o autor permite que a ambientação da narrativa seja preenchida pelo onírico e pelo mágico, construindo então o espaço e ambientação - clima - ideais para a jornada de um Thanatos que se ausenta da humanidade pela primeira vez na história.

Deste modo, os espaços comuns como as casas, instituições governamentais, hospitais, casas de repouso, cemitérios, funerárias, ganham a ambientação onírica e fantástica necessária para que se maneje um único espaço onírico e indefinido dentro da narrativa: o país, aquela porção de terra na qual para dentro de suas fronteiras a senhora morte não mais atua; e o que começa como uma benção, logo vai tomar as proporções que só a opressão daquele espaço maior, ambientado na suspensão das normas da vida, poderia fazer acontecer: a reflexão sobre a necessidade do tempo e espaço cronológicos como conhecemos, a necessidade de morrer:

É a todos os respeitos deplorável que, ao redigir a declaração que acabei de escutar, o senhor primeiro-ministro não se tenha lembrado daquilo que constitui o alicerce, a viga mestra, a pedra angular, a chave de abóbada da nossa santa religião, Eminência, perdoe-me, temo não compreender aonde quer chegar, Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja. (SARAMAGO, 2005, p. 18)

Igualmente informa que uma nutrida comissão interdisciplinar, incluindo representantes das diversas religiões em vigor e filósofos das diversas escolas em actividade, que nestes assuntos sempre têm uma palavra a dizer, está encarregada da delicada tarefa de reflectir sobre o que virá a ser um futuro sem morte, ao mesmo tempo que tentará elaborar uma previsão plausível dos novos problemas que a sociedade terá de enfrentar, o principal dos quais alguns resumiriam nesta cruel pergunta, Que vamos fazer com os velhos, se já não está aí a morte para lhes cortar o excesso de veleidades macróbias. (SARAMAGO, 2005, p.29)

3.1 UMA TRANSGRESSÃO POÉTICA

Em *A Poética do Espaço* (1979), Gaston Bachelard explora a relação entre o ser humano e o espaço, analisando como a imaginação, a memória e a emoção moldam nossa percepção a respeito do mundo que nos rodeia. Bachelard argumenta que o espaço é mais do que uma simples extensão física, sendo também um espaço psicológico, que influencia e é influenciado pelas nossas experiências e vivências. Para o autor, a casa é um dos espaços mais importantes na vida humana, e é por meio dela que construímos nossas identidades e nossa relação com o mundo. Ao longo da obra, Bachelard examina diversos tipos de espaços, como os espaços íntimos, a casa e a infância, os espaços exteriores, como a floresta e o mar, e os espaços poéticos, como a imaginação e os sonhos. Ele também analisa como a poesia e a literatura podem nos ajudar a explorar e entender o espaço de maneiras mais profundas e significativas.

Deste modo, a teoria de Bachelard ilumina a análise das transgressões espaciais na obra *As Intermitências da Morte* de José Saramago, podendo ser o ponto de luz principal na análise das percepções dos espaços presentes e ausentes na obra do autor. Na narrativa construída por Saramago, a interrupção da morte como ciclo natural da vida é vetor de uma transformação no espaço social e psicológico dos personagens. Neste sentido, o uso de um espaço não específico e não nomeado como uma estratégia narrativa aponta para possibilidades de dilatação do espaço geográfico, quase que para uma desnacionalização e uma universalização, o fato poderia acontecer em qualquer lugar. Torna-se assim, um espaço que pode ser qualquer um, o que este espaço delimita não são mais apenas linhas geopolíticas, mas sim, as possibilidades de ação das personagens frente à um novo processo natural na relação vida e morte:

Não se esqueça, senhor primeiro-ministro, de que fora das fronteiras do nosso país se continua a morrer com toda a normalidade, e isso é um bom sinal, Questão de ponto de vista, eminência, talvez lá de fora nos estejam a olhar como um oásis, um

jardim, um novo paraíso, Ou um inferno, se forem inteligentes [...] (SARAMAGO, 2005, p.20)

Fundamenta-se esta decisão do governo numa hipótese facilmente admissível por toda a gente, a de que a um paciente em tal estado, permanentemente à beira de um falecimento que permanentemente lhe vai sendo negado, deverá ser-lhe pouco menos que indiferente, mesmo em algum momento de lucidez, o lugar em que se encontra, quer se trate do seio carinhoso da sua família ou da congestionada enfermaria de um hospital, uma vez que nem aqui nem ali conseguirá morrer, como também nem ali nem aqui poderá recuperar a saúde. (SARAMAGO, 2005, p. 29)

Sendo assim, a interrupção da morte transforma a percepção dos espaços presentes e ausentes na obra, levando os personagens a vivenciarem e experimentarem o espaço de maneira onírica e diversa. Tomemos como exemplo as mudanças na percepção do espaço íntimo dos personagens, como a casa, fazendo com que repensem a maneira de habitar esse espaço, já que não precisam mais se preocupar com o tempo limitado de vida, ou melhor, com a morte, ou ainda, conviver com seus parentes moribundos assistindo ao seu sofrimento interminável. Além disso, a ausência da morte também afeta a percepção do espaço público e social, como a cidade, o hospital e o cemitério, transformando a maneira como os personagens se relacionam com esses espaços, e alterando desde as funções que ali exercem até o que são e representam dentro deles:

Solicitamos ainda a melhor atenção do governo para o facto de que a indispensável reconversão da indústria não será viável sem vultosos investimentos, pois não é a mesma cousa sepultar um ser humano e levar à última morada um gato ou um canário, e porque não dizer um elefante de circo ou um crocodilo de banheira, sendo portanto necessário reformular de alto a baixo o nosso know how tradicional, servindo de providencial apoio a esta indispensável actualização a experiência já adquirida desde a oficialização dos cemitérios para animais [...]. (SARAMAGO, 2005, p. 26-27)

Também os directores e administradores dos hospitais, tanto do estado como privados, não tardaram muito a ir bater à porta do ministério da tutela, o da saúde, para expressar junto dos serviços competentes as suas inquietações e os seus anseios, os quais, por estranho que pareça, quase sempre relevavam mais de questões logísticas que propriamente sanitárias. (SARAMAGO, 2005, p.27)

Bachelard afirma que a imaginação e a memória também são elementos importantes para a construção do espaço psicológico, e isso é bastante marcado através da personagem morte a partir do momento em que a mesma passa a ter lembranças e a criar novas imagens e

percepções do espaço que antes habitava, questionando, inclusive, a existência de um espaço pessoal, pois uma vez "abdicando da eternidade", ela não possuía mais um espaço próprio para o qual pudesse retornar de fato, marcando assim, a construção do espaço para além do físico e geográfico, atrelando o mesmo às nossas percepções, experiências e papéis aos quais no filiamos:

Apesar de tudo, a morte que agora se está levantando da cadeira é uma imperatriz. Não deveria estar nesta gelada sala subterrânea, como se fosse uma enterrada viva, mas sim no cimo da mais alta montanha presidindo aos destinos do mundo, olhando com benevolência o rebanho humano, vendo como ele se move e agita em todas as direcções sem perceber que todas elas vão dar ao mesmo destino [...]. (SARAMAGO, 2005, p. 163)

[...] Que carta é essa, Também a seu tempo o saberá, Porquê não me entregou, se teve oportunidade para isso, Duas oportunidades, Insisto, porquê não ma deu, Isso é o que eu espero vir a saber, talvez lha entregue no sábado, depois do concerto, segunda-feira já terei saído da cidade, Não vive aqui, Viver aqui, o que se chama viver, não vivo, Não entendo nada, falar consigo é o mesmo que ter caído num labirinto sem portas, Ora aí está uma excelente definição da vida [...]. (SARAMAGO, 2005, p. 198)

Com efeito, podemos vislumbrar os espaços e as ausências deles, as fronteiras de um país que pode ser qualquer um, ou ainda, um espaço habitável que se modifica através de uma nova imagem poética, principalmente pela dialógica do interior e do exterior de Bachelard:

O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixá-lo, queremos transcender todas as situações para lhe dar uma situação de todas as situações. Confronta-se então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades. Fazemos passar para o nível do absoluto a dialética do aqui e do lá. (BACHELARD, 1979, p. 335)

Desde as funerárias, aos asilos, hospitais e casas, até o governo e as próprias fronteiras do país, estão representados espaços alterados a partir de uma força adulterada do *ser-lá* ou aqui (BACHELARD, 1979). Assim, os personagens procuram, através do espaço transgredido fixar um novo ser, para então, talvez, fixar-se em um novo lá: "é necessário em primeira instância procurar meu ser? Ou antes, no meu ser, vou encontrar em primeiro lugar a certeza da minha fixação num lá?" (BACHELARD, 1979, p. 336). Com efeito, o espaço

transgredido na narrativa funciona como a via poética por onde navegam as psiques dos personagens, configurando-se em um elemento essencial desta obra de Saramago.

3.2 A DILATAÇÃO DO ESPAÇO: UMA VISTA MULTIDISCIPLINAR

Para Carlo Rovelli, físico cosmologista, a realidade não é algo fixo e imutável, mas sim uma construção em constante transformação. Ele propõe uma visão da física como uma ciência que não busca explicar o mundo em termos absolutos e imutáveis, mas sim descrever a dinâmica da realidade em constante mudança. A física, segundo Rovelli, é uma ciência poética, que busca expressar a beleza e a complexidade do universo em termos matemáticos e linguísticos. Bachelard, por sua vez, propõe uma abordagem poética do espaço, na qual a imaginação e a memória desempenham um papel fundamental na construção do nosso ambiente. Ele argumenta que o espaço não é apenas uma entidade física, mas sim um conceito carregado de significados subjetivos, que emergem da nossa experiência e das nossas emoções. Bachelard defende que a poesia é capaz de capturar essas dimensões subjetivas do espaço, permitindo-nos compreender a profundidade e a riqueza da nossa relação com o mundo.

Ao analisar a obra de Saramago pelo viés das transgressões do espaço, podemos relacioná-la às teorias de Rovelli sobre a natureza do espaço. Em seu livro *A Realidade Não é o que Parece* (2017), Rovelli argumenta que a noção clássica de espaço como um contêiner vazio é equivocada. Ele defende que o espaço é um tecido dinâmico e fluido que se curva e se dobra em resposta à matéria e à energia. Essa concepção de espaço pode ser aplicada à obra de Saramago. Tomemos como exemplo a morte - personagem - como uma força que afeta o espaço e o tempo, de modo que a transitoriedade da vida e a inevitabilidade da morte podem ser vistas como consequências da natureza fluida e dinâmica do espaço, em vez de uma característica fundamental da existência. Deste modo, ao "aposentar-se", a personagem da morte quebra com o ciclo natural, transgredindo a natureza do espaço e, somente então, colocando-se como uma característica fundamental da vida. Essa percepção da morte passaria a ser possível para os personagens - e o leitor - somente através dessa reconstrução da percepção do espaço, remetendo novamente ao que teoriza Bachelard (1979): a nossa imaginação e memória alteram a nossa percepção e construção dos espaços e ambientações:

Por aqui se poderá ter uma ideia do esforço hercúleo que a morte foi obrigada a fazer nas raras vezes em que, por esta ou aquela razão, ao longo da nossa história comum, necessitou rebaixar a sua capacidade perceptiva à altura dos seres humanos, isto é, ver cada coisa de sua vez, estar em cada momento em um só lugar. No caso

concreto que hoje nos ocupa não é outra a explicação de por que ainda não conseguiu passar da entrada da casa do violoncelista. (SARAMAGO, 2005, p. 147)

Deste modo, podemos pensar no argumento de Rovelli (2017) de que a realidade emerge de interações complexas entre sistemas físicos e que essas interações podem ser vistas como processos poéticos, em conjunto com a ideia de Bachelard, que nos dá indícios para refletir como a ausência da morte afeta a relação das personagens com o espaço e com a poética que emerge dessas interações. Assim, ao aplicarmos de maneira interdisciplinar as duas teorias ao estudo da construção espacial em *As Intermittências da Morte*, podemos vislumbrar uma ruptura com a normalidade física e filosófica, uma ausência, uma intermitência transgressora na equação espaço-tempo, que transforma profundamente a relação dos personagens com a vida, o tempo e, portanto, o espaço.

4 TEMPO: VISÕES SOBRE A TEMPORALIDADE

Para que seja possível analisar a obra de Saramago pelo viés das transgressões temporais potencialmente dispostas nela, é preciso guiarmo-nos por alguma visão de tempo, isto é, obter uma espécie de cânone para a temporalidade. Isto é necessário pois existem diversas interpretações possíveis sobre o tempo, diversas cosmologias, do ponto de vista cultural, histórico, filosófico e físico (MARTINS, 2004) e não seria possível fazer uma revisão completa de todas elas, tão pouco, elucidar qual é a gênese exata do conceito de tempo. Neste sentido, o trabalho de Martins (2004) traz à luz concepções de tempo de grande relevância para esta análise, dentre as quais, elegemos como base analítica as de Platão, Henri Bergson e Gaston Bachelard.

Assim, como base e guia filosófica tomarei, primeiramente, a visão de temporalidade de Platão encontrada na obra *Timeu* (2011), onde para o filósofo, o tempo é criado e gerado conjuntamente ao universo pelo Demiurgo, um ser divino responsável pela ordenação e criação do mundo. Segundo Platão, o tempo é a imagem móvel da eternidade, um reflexo do movimento do universo e da perfeição do mundo inteligível, que é eterno e imutável. Dessa forma, o tempo é uma medida do movimento dos corpos celestes, que são a manifestação da ordem e harmonia do mundo divino. Deste modo, o tempo é uma realidade sensível, que pode ser medida e quantificada, mas que é incapaz de explicar a natureza da realidade em si mesma. Ainda assim, o tempo é essencial para a existência do mundo e dos seres que o habitam, pois permite a manifestação e a mudança das coisas. Neste sentido, Platão relaciona a concepção de tempo à ideia de destino, argumentando que o tempo é responsável pela ordem e regularidade do universo, e que tudo o que acontece está de acordo com um plano divino e preestabelecido.

Assim, é possível vislumbrarmos a narrativa de *As Intermittências da Morte* através de uma ótica temporal que se aproxima da ótica de Platão para então transgredir a noção de tempo cotidiano, onde nascemos, crescemos e morremos, regrados pelas horas, dias, meses e anos em um contínuo que se move apenas em um direção. Neste sentido, a Morte enquanto personagem encaixa-se no papel do próprio tempo, sendo ela possivelmente criada por um ser divino - superior - e atuando como a grande mantenedora da ordem e harmonia de um mundo divino:

A dúvida de que deus teria autoridade sobre a morte ou se, pelo contrário, a morte seria o superior hierárquico de deus, torturava em surdina as mentes e os corações do santo instituto, onde aquela ousada afirmação de que deus e a morte eram as duas

caras da mesma moeda passara a ser considerada, mais do que heresia, abominável sacrilégio. (SARAMAGO, 2005, p. 120)

Notavelmente, a partir do momento em que a Morte desfaz-se de suas obrigações, existe a quebra dessa ordem e harmonia, acarretando em uma estagnação que não mais permite a mudança das coisas, o tempo passa a ser percebido a partir das experiências dos personagens envolvidos. Assim, podemos vislumbrar uma irregularidade no universo gerada justamente pela ausência do ser harmonizador, a Morte, quebra-se então a ideia de destino e gera-se uma transgressão temporal, marcada não somente, mas principalmente, pela ausência da personagem em um tempo cronológico quantificado, sete meses, porém nunca específico e portanto, suspenso e imóvel: "E depois, como se o tempo tivesse parado, não aconteceu nada" (SARAMAGO, 2005, p. 12). Talvez fosse essa a única frase de toda a narrativa que melhor exemplificaria a questão do tempo que perpassa a obra, entretanto, questionamentos sutis e certos - às vezes explícitos - a respeito da natureza da morte, e por tanto do próprio tempo, podem ser vislumbrados ao longo da narrativa:

Qual de nós dois é o filósofo, Nem eu nem tu, tu não passas de um aprendiz de filosofia, e eu apenas sou o espírito que paira sobre a água do aquário, Falávamos da morte, Não da morte, das mortes, perguntei por que razão não estão morrendo os seres humanos, e os outros animais, sim, por que razão a não-morte de uns não é a não-morte de outros, quando a este peixinho vermelho se lhe acabar a vida, e tenho que avisar-te que não tardará muito se não lhe mudares a água, serás tu capaz de reconhecer na morte dele aquela outra morte de que agora pareces estar a salvo, ignorando porquê, Antes, no tempo em que se morria, nas poucas vezes que me encontrei diante de pessoas que haviam falecido, nunca imaginei que a morte delas fosse a mesma de que eu um dia viria a morrer, Porque cada um de vós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertences-lhe, E os animais, e os vegetais, Suponho que com eles se passará o mesmo, Cada qual com a sua morte. (SARAMAGO, 2005, p. 71)

[...] todos sem excepção, eram ao mesmo tempo as testemunhas e os beneficiários do mais alto prodígio alguma vez observado na história dos milagres, a vida eterna de um corpo eternamente unida à eterna vida da alma. (SARAMAGO, 2005, p. 75)

[...] tinha proposto a imediata promoção de uma nova tese, a da morte adiada, fiando-se na tantas vezes louvada sabedoria do tempo, aquela que nos diz que sempre haverá um amanhã qualquer para resolver os problemas que hoje pareciam não ter solução. Em carta ao director do seu jornal preferido, um leitor declarava-se disposto a aceitar a ideia de que a morte havia decidido adiar-se a si mesma, mas solicitava, com todo o respeito, que lhe dissessem como o tinha sabido a igreja, e, se

realmente estava tão bem informada, então também deveria saber quanto tempo iria durar o adiamento. (SARAMAGO, 2005, p. 75)

Todavia, ao analisar a narrativa pela ótica Platônica, levantamos uma nova questão, é uma dúvida em relação ao próprio tempo dentro da obra, que em um primeiro momento nos é bastante explícito em termos quantitativos: "31 de dezembro"; "01 de janeiro"; "7 meses", porém nunca é especificado, localizado em um tempo e espaço - conforme tratado no capítulo anterior -. Diante desse enigma intrigante e a fim de descobrir o que ele pode potencialmente nos revelar, faz-se interessante analisarmos a questão sob as óticas de Bergson e Bachelard acerca da temporalidade trazidas por Martins (2004).

4.1 BERGSON E A MORTE COM LETRA GRANDE

Com base na leitura de Worms (2004), a concepção de Bergson em relação ao tempo indica que o mesmo não é uma entidade fixa e objetiva que pode ser medida de forma precisa, mas sim uma experiência subjetiva e contínua. Bergson argumentava que o tempo é uma duração que flui e muda constantemente, e que só podemos compreendê-lo através da intuição. Para o autor, há duas maneiras de perceber o tempo: a primeira é a forma como pensamos sobre o tempo em termos de medidas quantitativas, que ele chamou de tempo "especializado", e a segunda forma de perceber o tempo é através da experiência direta do presente, que ele chamou de "duração".

Assim, Bergson argumenta que a duração não pode ser dividida em momentos justapostos, mas é um todo contínuo e fluido. Ele argumentava que essa percepção da duração é fundamental para entender a natureza do livre-arbítrio, da criatividade e da mudança. Deste modo, o tempo é uma experiência subjetiva de duração contínua e fluida, que só pode ser compreendida através da intuição e da experiência direta do presente. Para ele, a duração é a experiência subjetiva e contínua do tempo que flui e muda constantemente. Assim, Martins (2004) aponta que para Bergson a consciência é a capacidade de perceber a duração e a continuidade da vida, sendo a chave para entender a natureza da liberdade e do livre-arbítrio. Bergson também distinguia entre a consciência intelectual e a consciência intuitiva, e argumentava que a filosofia deve buscar uma compreensão mais profunda da realidade através da intuição. Neste sentido, é possível argumentar que os personagens da narrativa saramaguiana, sob a percepção subjetiva da ausência da morte, e portanto, da duração e do tempo, configuram justamente a exploração filosófica de uma transgressão do tempo. Entretanto, apesar de os personagens atuarem através de uma intuição e experiência do

presente, suas ações e pensamentos voltam-se constantemente para o futuro. Ademais, apesar de que esses personagens, incluindo aí a própria Morte, são capazes de perceber a duração e a continuidade da vida, inclusive questionando esse devir, as suas experiências não mudam constantemente, pelo contrário, estão suspensas.

4.2 BACHELARD E A MORTE COM LETRA GRANDE

Em contrapartida, Martins (2004), aponta algumas oposições fundamentais na concepção de temporalidade de Bachelard em relação a Bergson, especialmente aprofundadas na sua obra *A Dialética da Duração*. Nesta obra, Bachelard procura demonstrar que a duração não pode ser compreendida simplesmente como uma sucessão de instantes no tempo, mas como uma experiência qualitativa e subjetiva que envolve a percepção e a memória. Sobre esse aspecto Martins aponta:

[...] a ideia de direção do tempo, de um passado e de um futuro, tem para Bachelard o caráter de uma impressão. O instante não sugere qualquer direção. A consciência é consciência do instante, e vice-versa. De modo que a recordação do passado e a previsão do futuro baseiam-se em *hábitos*, sendo necessária uma negação absoluta da realidade do passado. (MARTINS. 2004, p. 74-75)

Bachelard argumenta que a duração é uma síntese dialética entre a continuidade temporal e a descontinuidade perceptiva, ou seja, entre a sucessão de momentos no tempo e a capacidade do sujeito de perceber e apreender a experiência de forma fragmentada. Segundo o autor, essa síntese dialética é o que permite ao sujeito humano criar uma narrativa coerente e significativa da sua experiência temporal. Ademais, Bachelard propõe que a duração não é uma propriedade objetiva do tempo, mas uma construção subjetiva do sujeito humano, defendendo que a experiência temporal é moldada pela cultura, pela história e pela linguagem, e que a percepção da duração varia de acordo com esses contextos: "A Filosofia de Bergson centra-se no *devir*, no processo contínuo de mudança, e não no *ser*" (MARTINS, 2004, p. 73), enquanto isso, Martins nota que é pela ideia de *ritmo* que Bachelard busca compreender a continuidade e o descontínuo: "O hábito, cuja a expressão é a permanência do *ser*, é um "ritmo sustentado", mas que sempre mantém sua ideia de novidade" (MARTINS, 2004, p. 75).

Deste modo, enquanto Bergson defende que a duração é uma propriedade intrínseca do tempo, uma sucessão contínua e ininterrupta de momentos, Bachelard argumenta que a duração é uma construção subjetiva e dialética que envolve tanto a continuidade temporal

quanto a descontinuidade perceptiva. Neste sentido, enquanto Bergson enfatiza a importância da intuição e da experiência imediata na compreensão da duração, Bachelard destaca a importância da reflexão e da crítica na construção do conhecimento sobre a duração. Para Bachelard, a experiência temporal não pode ser compreendida apenas pela intuição, requerendo uma análise crítica e reflexiva que leve em consideração os contextos culturais, históricos e linguísticos em que a experiência é construída. Assim acreditamos que é precisamente neste prisma epistemológico que se encontram os personagens e a narrativa de *As Intermitências da Morte*. Vejamos:

Pigarreou um pouco para limpar a voz e começou a ler, senhor director-geral da televisão nacional, estimado senhor, para os efeitos que as pessoas interessadas tiverem por convenientes venho informar de que a partir da meia-noite de hoje se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios, desde o princípio dos tempos e até ao dia trinta e um de dezembro do ano passado, devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre, isto é, eternamente, embora, aqui entre nós dois, senhor director geral da televisão nacional, eu tenha de confessar a minha total ignorância sobre se as duas palavras, sempre e eternamente, são tão sinónimas quanto em geral se crê, ora bem, passado este período de alguns meses a que poderíamos chamar de prova de resistência ou de tempo gratuito e tendo em conta os lamentáveis resultados da experiência, tanto de um ponto de vista moral, isto é, filosófico, como de um ponto de vista pragmático, isto é, social, considere que o melhor para as famílias e para a sociedade no seu conjunto, quer em sentido vertical, quer em sentido horizontal, seria vir a público reconhecer o equívoco de que sou responsável e anunciar o imediato regresso à normalidade, o que significará que a todas aquelas pessoas que já deveriam estar mortas, mas que, com saúde ou sem ela, permaneceram neste mundo, se lhes apagará a candeia da vida quando se extinguir no ar a última badalada da meia-noite, note-se que a referência à badalada é meramente simbólica, não seja que a alguém lhe passe pela cabeça a ideia estúpida de encravar os relógios dos campanários ou de retirar o badalo aos sinos pensando que dessa maneira deteria o tempo e contrariaria o que é minha decisão irrevogável [...] (SARAMAGO, 2005. p. 97-98)

Com efeito, podemos vislumbrar as ações da Morte como uma descontinuidade da percepção temporal que os personagens tinham até o momento, e as ações e pensamentos dos personagens como a continuidade na nova realidade, a realidade um tempo transgredido.

Assim, ao decorrer da narrativa, os personagens repensam, adaptam e procuram novos discursos dentro do seu quadro de conhecimentos e contextos histórico-culturais, e como exemplo mais bem colocado na narrativa está a instituição da Igreja, pois sem a morte não há ressurreição e sem ressurreição, não há Igreja. Deste modo, tanto Bergson, quanto Bachelard, são capazes de tocar em pontos que demonstram uma transgressão do tempo na narrativa saramaguiana, e na mensagem "autógrafa" que a Morte faz o director-geral ler em rede nacional, - descrito acima - podemos vislumbrar justamente "O hábito, cuja a expressão é a permanência do ser, é um "ritmo sustentado", mas que sempre mantém sua ideia de novidade" (MARTINS, 2004, p. 75).

5 MEMÓRIA, ESPAÇO-TEMPO E A MORTE

A ausência da morte como um evento inevitável e universal provoca mudanças significativas na compreensão da história e das tradições culturais que se baseiam na mortalidade humana, e conseqüentemente, na percepção do tempo e do espaço pelos personagens inseridos na narrativa da obra *As Intermittências da Morte* de José Saramago. Neste sentido, é importante explorar como a memória pode atuar dentro deste cenário; tomando como base para esse estudo as teorias de Henri Bergson em *Matéria e Memória* (1999) e *Memória e Vida* (2006); e de Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva* (2006), obras de grande importância para compreender como as transgressões espaço-temporais potencialmente afetam - ou são afetadas - pela memória, coletiva ou individual, buscaremos analisar de que forma vislumbramos o aparato da memória dentro da narrativa analisada.

Em *Matéria e Memória* (1999), Bergson argumenta que a percepção do tempo é relativa à percepção de espaço. Ele afirma que a dimensão temporal não é apenas uma extensão da dimensão espacial, mas uma dimensão independente que é afetada pela forma como a matéria é organizada no espaço. Bergson propõe uma teoria da percepção que considera o tempo como uma dimensão subjetiva que é vivida de forma diferente por cada indivíduo, dependendo de sua memória e experiências anteriores. Essa teoria pode ser aplicada à análise das transgressões espaço-temporais em *As Intermittências da Morte*, já que a ausência da morte afeta a percepção do tempo e do espaço dos personagens. Desse modo, sem a ameaça da morte, o tempo parece perder sua dimensão subjetiva e torna-se algo indefinido e incerto, conforme debatido no capítulo anterior e conforme podemos depreender dessa passagem de *Matéria e Memória*:

Há um sistema de imagens que chamo minha percepção do universo, e que se conturba de alto a baixo por leves variações de uma certa imagem privilegiada, meu corpo. Esta imagem ocupa o centro; sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um de seus movimentos tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio. (BERGSON, 1999, p. 20)

Ademais, Bergson aponta para a continuidade entre a memória individual e a memória coletiva, argumentando que a memória individual é uma parte integrante da memória coletiva, já que nossas experiências individuais são influenciadas pelas experiências e tradições compartilhadas de nossa cultura e sociedade, em um sistema onde nossa memória individual também contribui, em certa medida, para a memória coletiva, uma vez que compartilhamos nossas experiências com outras pessoas. Assim, a ausência da morte afeta não apenas a

experiência individual do tempo e do espaço, mas também a memória coletiva e as tradições compartilhadas de uma sociedade que depende da morte como um evento inevitável e universal, forçando os personagens a repensar e readaptar suas tradições e experiências compartilhadas em um novo contexto de vida eterna. Deste modo, a memória não atua como uma faculdade simples, mas sim um processo complexo que envolve a relação entre o passado e o presente. Para Bergson, a memória é uma continuidade da percepção e da ação, sendo uma ferramenta para a construção do presente a partir do passado. Em *Intermitências da Morte*, podemos vislumbrar essa relação entre passado e presente, especialmente em uma transgressão da ideia de presente e futuro a partir de um tempo suspenso, na personagem da Morte, que, ao deixar de cumprir suas funções, provoca uma mudança na percepção dos personagens e, conseqüentemente, da sociedade:

Eis-nos obrigados a supor, além das sensações visuais, além das sensações táteis, uma certa ordem que lhes é comum, e que, por consequência, deve ser independente tanto de umas quanto de outras. Vamos mais longe: esta ordem é independente de nossa percepção individual, já que ela aparece do mesmo modo a todos os homens, e constitui um mundo material onde efeitos estão encadeados a causas, onde os fenômenos obedecem a leis. (BERGSON, 1999, p. 65)

Em *Memória e Vida* (2006), Bergson argumenta, disposto em palavras discretas, que a memória é uma função essencial da consciência, mas que ela não é uma reprodução do passado, e sim uma criação de um passado subjetivo que, por sua vez, é moldado pelo presente. Ademais, argumenta que a experiência do tempo é uma experiência subjetiva e não pode ser medida objetivamente, usando o termo "duração" para descrever a experiência subjetiva do tempo, que é contínua e não pode ser dividida em partes discretas. Bergson argumenta que a percepção não é uma reprodução objetiva da realidade, mas sim uma criação subjetiva que é moldada pela memória e pelas expectativas, de modo que a consciência não é uma coleção de estados mentais discretos, mas sim um fluxo contínuo de experiência. Acrescido ao já exposto, o filósofo afirma que a liberdade é uma função essencial da consciência, configurando uma escolha criativa que é moldada pela memória e pelas expectativas. Neste sentido, as teorias de Bergson podem ser aplicadas à análise dos personagens da narrativa estudada, vislumbrando como os mesmos lidam com a ausência da morte e como fazem escolhas criativas em uma realidade que é moldada por uma falta de um limite temporal claro.

Por sua vez, o texto *A Memória Coletiva* (1990) de Halbwachs, é importante para a compreensão de como a memória coletiva é influenciada pelas instituições sociais e culturais

que moldam a experiência individual da memória. Halbwachs argumenta que a memória coletiva não é uma soma de memórias individuais, mas sim uma construção social que é influenciada pelas instituições e grupos sociais que a mantêm. O sociólogo argumenta que a memória individual é moldada pela memória coletiva, ou seja, as experiências compartilhadas por um grupo social moldam a memória individual dos seus membros. Isso pode ser visto na obra de Saramago, especialmente na forma como a Morte se torna um evento coletivo e afeta todos os aspectos da vida em sociedade. Nesse sentido, a partir do momento em que a morte "tira férias", a sociedade começa a mudar radicalmente, com efeitos que são sentidos em todos os níveis da vida humana, instituições burocráticas e religiosas.

Com efeito, podemos vislumbrar esse movimento entre memória coletiva e individual dentro da narrativa quando os personagens começam a questionar a importância da morte e a refletir sobre seu sistema de crenças em relação à vida e à morte, fazendo com que a sociedade se reorganize e se adapte a essa nova realidade, construindo então uma nova memória coletiva. Assim, ao observarmos a narrativa sob a luz das teorias do sociólogo francês, a memória deixa de ser um processo individual e solitário, e passa a estar diretamente relacionada com a experiência e a vivência em sociedade. Logo, se as memórias individuais são moldadas e influenciadas pelas memórias coletivas, que são compartilhadas pelos membros de uma comunidade, podemos observar a Morte como o vetor de transgressão no universo das personagens. No contexto do romance de Saramago, essa teoria pode ser aplicada para entender como as transgressões espaço-temporais, propostas ali pela ausência da Morte, afetam não apenas os indivíduos, mas o coletivo, ou seja, a memória coletiva da humanidade é afetada, já que a morte é uma parte integrante e fundamental da cultura e da história humana.

5.1 MEMÓRIA: O ACESSO À REALIDADE

Na obra *Memória e Vida* (2006), Bergson apresenta a teoria da continuidade entre a memória individual e a memória coletiva, argumentando que a memória individual é uma parte integrante da memória coletiva, já que nossas experiências individuais são influenciadas pelas experiências e tradições compartilhadas de nossa cultura e sociedade. Além disso, nossa memória individual também pode contribuir para a memória coletiva, já que compartilhamos nossas experiências com outras pessoas. Essa teoria pode ser aplicada à análise das transgressões espaço-temporais dentro da narrativa saramaguiana, já que a ausência da morte afeta não apenas a experiência individual do tempo e do espaço, mas também a memória coletiva e as tradições compartilhadas de uma sociedade que depende da morte como um

evento inevitável e universal. Neste sentido, a ruptura da experiência de morte provoca mudanças na percepção do tempo e do espaço, assim como na compreensão da história e das tradições culturais que se baseiam na inevitabilidade da morte. Com efeito, a religião, a herança, as atividades econômicas que se organizam em torno do ato de falecer; esta ruptura também, potencialmente, cria novas formas de memória coletiva, uma vez que os personagens são forçados a repensar suas tradições e experiências compartilhadas em um contexto de vida sem fim. O filósofo argumenta ainda que a memória é uma forma de criação, e não uma reprodução do passado, sendo uma construção ativa que integra nossas experiências passadas em nosso presente, assim, o que vislumbramos ao longo da narrativa estudada, é exatamente esse movimento de construção da memória dos personagens ao reinterpretar o passado em um novo contexto.

Todavia, Bergson também argumenta que a memória é fundamental para a formação da personalidade e nossas memórias moldam nossa identidade e nossa perspectiva de mundo, o que lhe confere, potencialmente, um caráter individual bastante forte. Sob essa perspectiva, podemos analisar as mudanças na personalidade dos personagens em *As Intermittências da Morte*, já que a ruptura abrupta com a morte desafia suas compreensões anteriores da vida e da própria morte, transformando-os em indivíduos distintos em relação ao período anterior: é o caso das famílias que antes cuidavam de seus doentes e idosos e agora pagam a Maphia para levá-los. Desse modo, a memória e a percepção estão intimamente relacionadas; nossas percepções são moldadas por nossas experiências passadas; sendo nossa memória construída a partir de percepções presentes. Para além do exposto, Bergson argumenta que a memória é fundamental para a liberdade humana, são as nossas memórias que nos permitem refletir sobre nossas escolhas e experiências passadas, e nos permitem tomar decisões informadas sobre o futuro. Essa teoria é de grande importância para análise da forma como a ausência da morte afeta a liberdade dos personagens em *As Intermittências da Morte*, já que a ausência da morte os força a reconsiderar suas escolhas e compreensão do futuro. Isto é, os personagens, e a própria personagem da Morte, precisam tomar uma série de decisões a respeito de seus futuros, porém com base em percepções de um passado que já não se aplica mais. É o caso, por exemplo, das casas do feliz ocaso, lares para idosos:

[...] mas alguém do governo terá de pensar na nossa sorte, nós, patrão, gerente e empregados dos lares do feliz ocaso, o destino que nos espera é não termos ninguém que nos acolha quando chegar a hora em que tenhamos de baixar os braços, reparai que nem sequer somos senhores daquilo que de alguma maneira também havia sido nosso, ao menos pelo trabalho que nos deu durante anos e anos, aqui deverá

perceber-se que os empregados tomaram a palavra, o que queremos dizer é que não haverá sítio para estes que somos nos lares do feliz ocaso, salvo se pusermos de lá para fora uns quantos hóspedes, ao governo já lhe tinha ocorrido a mesma ideia quando foi daquele debate sobre a plethora dos hospitais, que a família reassuma as suas obrigações, disseram, mas para isso seria necessário que ainda se encontrasse nela alguém com suficiente tino na cabeça e energias bastantes no resto do corpo, dons cujo prazo de validade, como sabemos por experiência própria e pelo panorama que o mundo oferece, têm a duração de um suspiro se o compararmos com esta eternidade recentemente inaugurada, o remédio, salvo opinião mais abalizada, seria multiplicar os lares do feliz ocaso, não como até agora, aproveitando vivendas e palacetes que em tempos conheceram melhor sorte, mas construindo de raiz grandes edifícios, com a forma de um pentágono, por exemplo, de uma torre de babel, de um labirinto de cnossos, primeiro bairros, depois cidades, depois metrópoles, ou, usando palavras mais cruas, cemitérios de vivos onde a fatal e irrenunciável velhice seria cuidada como deus quisesse, até não se sabe quando, pois os seus dias não teriam fim, o problema bicudo, e para ele nos sentimos no dever de chamar a atenção de quem de direito, é que, com o passar do tempo, não só haverá cada vez mais idosos internados nos lares do feliz ocaso, como também será necessária cada vez mais gente para tomar conta deles, dando em resultado que o rombóide das idades virará rapidamente os pés pela cabeça, uma massa gigantesca de velhos lá em cima, sempre em crescimento, engolindo como uma serpente pitão as novas gerações, as quais, por sua vez, na sua maioria convertidas em pessoal de assistência e administração dos lares do feliz ocaso [...] (SARAMAGO, 2005, p. 31)

5.2 MEMÓRIA, COLETIVIDADE E INDIVIDUALIDADE

Em *A Memória Coletiva*, Halbwachs (1990) argumenta que a memória individual não pode ser compreendida sem referência à memória coletiva. A memória coletiva é a memória compartilhada de um grupo ou comunidade que molda a memória individual. Neste sentido, a memória individual é moldada pela memória social, que por sua vez, é a memória compartilhada de uma sociedade em um determinado momento histórico. Com efeito, dentro da narrativa aqui analisada, vislumbramos a memória sendo moldada dentro de um momento histórico de sete meses, um período bastante marcado quantitativamente, apesar de não específico, não se sabe em que ano ou década. Desse modo, podemos analisar a forma como a ausência da morte afeta a memória social da sociedade retratada por Saramago e, por sua vez, como essa mudança afeta a memória individual dos personagens. Ademais, Halbwachs argumenta que a memória não é simplesmente uma reprodução do passado, mas sim uma reconstrução baseada em nossa compreensão atual do mundo. Diante do exposto, é possível

pensarmos na forma como o fato que vivem os personagens afeta a reconstrução da memória coletiva e individual, uma vez que uma anomalia no "ciclo natural da vida" força uma reinterpretação do passado em um novo contexto, o contexto da morte suspensa.

Neste sentido, é importante levarmos em consideração a argumentação de Halbwachs de que a memória é intimamente ligada ao espaço, e que os lugares físicos nos quais as experiências ocorrem afetam a forma como elas são lembradas, uma vez que, durante a narrativa, a ausência da morte afeta a memória dos personagens em relação aos lugares associados com a morte e à mortalidade, como hospitais, cemitérios e até mesmo a fronteira de seu próprio território. Deste modo, a memória é fundamental para a formação da identidade individual e coletiva e dentro da narrativa de *As Intermitências da Morte*, a memória parece seguir esse fluxo entre o individual e o coletivo em uma espécie de retroalimentação: a ausência da morte afeta a identidade dos personagens, já que a morte é um evento que historicamente tem sido central para a compreensão da vida e da mortalidade; já a identidade dos personagens afeta as decisões que precisam ser tomadas para o coletivo, como, por ilustração, evadir ou não as fronteiras para que se possa morrer. Sem a morte, a identidade individual e coletiva é desafiada e precisa ser redefinida.

5.3 ILUSTRAÇÕES NARRATIVAS

Para ilustrar as teorias discutidas anteriormente em relação às transgressões espaço-temporais, especialmente sob a ótica da memória, presentes na obra *As Intermitências da Morte*, é possível encontramos algum apoio nos seguintes processos e passagens descritos dentro da narrativa: descrições do processo de morte, a experiência da morte, o papel da memória, a vida após a morte, e claro, o personagem da Morte. Com efeito, em diversos momentos da narrativa, Saramago descreve o processo de morte de forma não linear, rompendo com a concepção linear do tempo e da memória, por exemplo: na página 39, ele descreve a "morte" de um personagem como algo que acontece repetidamente, em diferentes momentos e lugares. Essa abordagem da morte como algo não linear e não sequencial pode ser vista como uma ilustração da teoria de Bergson sobre a natureza não sequencial da memória:

Nisto estávamos, nem para a frente, nem para trás, sem remédio nem esperança dele, quando o velho falou, Que se chegue aqui alguém, disse, Quer água, perguntou uma das filhas, Não quero água, quero morrer, Bem sabe que o médico diz que não é possível, pai, lembre-se de que a morte acabou, O médico não entende nada, desde que o mundo começou a ser mundo sempre houve uma hora e um lugar para morrer, Agora não, Agora sim, Sossegue, pai, que lhe sobe a febre. (SARAMAGO, 2005, p. 39)

Deste modo, a memória desempenha um papel central na narrativa de *As Intermitências da Morte*. Por exemplo, na página 26, Saramago descreve como a morte afeta a memória coletiva de uma sociedade, e na página 40, ele explora a relação entre a memória e a morte individual de um personagem. Essas passagens podem ser vistas como uma ilustração da teoria de Halbwachs sobre a memória coletiva e sua influência na construção de identidades individuais:

[...] tinham chegado à conclusão de que ainda era possível evitar as dramáticas consequências do que sem dúvida irá passar à história como a pior calamidade colectiva que nos caiu em cima desde a fundação da nacionalidade, isto é, que o governo decida tornar obrigatórios o enterramento ou a incineração de todos os animais domésticos que venham a defuntar de morte natural ou por acidente, e que tal enterramento ou tal incineração, regulamentados e aprovados, sejam obrigatoriamente levados a cabo pela indústria funerária, tendo em contra as meritórias provas prestadas no passado como autêntico serviço público que têm sido, no sentido mais profundo da expressão, gerações após gerações. (SARAMAGO, 2005, p. 26)

Queremo-lo vivo, e não morto, Mas não no estado em que me vêes aqui, um vivo que está morto, um morto que parece vivo, Se é assim que quer, cumpriremos a sua vontade, Dá-me um beijo. A filha beijou-o na testa e saiu a chorar. Dali, lavada em lágrimas, foi anunciar ao resto da família que o pai havia determinado que o levassem nessa mesma noite ao outro lado da fronteira, lá onde, segundo a sua ideia, a morte, ainda em vigor nesse país, não teria mais remédio que aceitá-lo. A notícia foi recebida com um sentimento complexo de orgulho e resignação, orgulho porque não é cousa de todos os dias ver um ancião oferecer-se assim, por seu próprio pé, à morte que lhe foge, resignação porque perdido por um, perdido por cem, que se lhe há-de fazer, contra o que tem de ser toda a força sobra. Como está escrito que não se pode ter tudo na vida, o corajoso velho deixará em seu lugar nada mais que uma família pobre e honesta que certamente não se esquecerá de lhe honrar a memória; (SARAMAGO, 2005, p. 40)

Saramago também explora a experiência da morte de forma não convencional, criando um espaço-tempo diferente para os personagens que morrem e aqueles que permanecem vivos. Para além dos personagens retratados como "moribundos" para quem a morte está suspensa, por exemplo, nas páginas 151 e 152, vislumbramos a morte como "um momento suspenso", onde não há tempo nem espaço. Essa concepção da morte como um espaço-tempo suspenso é uma ilustração da teoria de Bergson sobre a natureza da duração, que desafia a noção de tempo como uma série de momentos sucessivos:

Ainda ressentida pela falha nos sistemas de comunicação do estado, mas sem a irritação que experimentava quando para aqui vinha, a morte olha a cara adormecida e pensa vagamente que este homem já deveria estar morto, que este brando respirar, inspirando, expirando, já deveria ter cessado, que o coração que a mão esquerda protege já teria de estar parado e vazio, suspenso para sempre na última contracção. (SARAMAGO, 2005, p. 151-151)

A narrativa também explora a ideia de vida após a morte de forma não convencional, criando um espaço-tempo diferente para a vida após a morte dos personagens. Por exemplo,

na página 23, ele descreve a vida após a morte como algo que não segue as leis físicas do tempo e do espaço, mas sim as leis da consciência. Essa abordagem da vida após a morte como algo que não segue as leis físicas do tempo e do espaço pode ser vista como uma ilustração da teoria de Bergson sobre a natureza da duração:

Tendo vivido, até estes dias de confusão, naquilo que haviam imaginado ser o melhor de todos os mundos possíveis e prováveis, descobriam, deliciados, que o melhor, realmente o melhor, era agora que estava a acontecer, que já o tinham ali mesmo, à porta de casa, uma vida única, maravilhosa, sem o medo quotidiano da rangente tesoura da parca, a imortalidade na pátria que nos deu o ser, a salvo de incomodidades metafísicas e grátis para toda a gente, sem uma carta de prego para abrir à hora da morte, tu para o paraíso, tu para o purgatório, tu para o inferno, nesta encruzilhada se separavam em outros tempos, queridos companheiros deste vale de lágrimas chamado terra, os nossos destinos no outro mundo. (SARAMAGO, 2005, p. 23)

Por fim, a personagem da morte em si mesma é uma ilustração das teorias discutidas anteriormente. Por exemplo, a personagem da morte tem uma relação não linear com o tempo, pois ela é capaz de se mover livremente no tempo e no espaço, além disso, a personagem da morte parece estar fora do tempo e do espaço humano. Essas características da personagem da morte ilustram a teoria de Bergson sobre a natureza da duração e a teoria sobre a natureza da consciência:

Esta é a única explicação razoável de porquê à morte não lhe pareceu necessário pedir autorização à hierarquia quando tomou e pôs em execução as transcendentais decisões que conhecemos e sem as quais este relato, feliz ou infelizmente, não poderia ter existido. É que nem sequer nisso pensou. E agora, paradoxalmente, é no justo momento em que não cabe em si de contentamento por descobrir que o poder de dispor das vidas humanas é, afinal, unicamente seu e de que dele não terá que dar satisfações a ninguém, nem hoje nem nunca [...] (SARAMAGO, 2005, p.162)

6 CONCLUSÃO

AS TRANSGRESSÕES ESPAÇO-TEMPORAIS

Na presente pesquisa, buscamos elucidar como o escritor português José Saramago, aborda fenômenos como o espaço-tempo através da reflexão sobre uma das questões mais inquietantes da humanidade: a morte; e se nessa abordagem podemos vislumbrar transgressões do espaço-tempo. Para tanto, em um primeiro momento, buscamos elucidar de maneira sucinta e objetiva, um pouco da biografia do escritor, para analisar seu papel como um cidadão interventivo através de sua obra, e se, esse aspecto influencia de fato em sua narrativa aqui estudada. Com efeito, vislumbramos um escritor-cidadão que embora tenha trabalhado como serralheiro mecânico, nutriu interesse e dedicação à literatura desde tenra idade, que nasceu em uma família de agricultores e precisou abandonar os estudos, que teve uma vivência penetrante em seus escritos. Neste sentido, sua obra aborda temas como a ética, a solidariedade e a justiça social; tendo sido ele um defensor ativo dos direitos humanos e da justiça social, foi um membro ativo do Partido Comunista Português e crítico contundente do regime autoritário de Salazar em Portugal, tendo sua posição política fortemente influenciada por suas experiências pessoais, incluindo, claro, sua infância pobre e a vida dos pais agricultores.

Deste modo, Saramago foi capaz de articular sua posição política ao longo de sua produção literária, fornecendo pistas de interpretação para um leitor pesquisador atento. Ao incluir em sua narrativa elementos de realismo fantástico, ao mesmo tempo em que aponta para as mazelas de uma sociedade burocrática e de pouca ética, abre o leque para que possamos visualizar as potencialidades de transgressão em sua obra; neste caso, as transgressões espaço-temporais. Esta potencialidade pode começar a ser explorada a partir de uma frase que o próprio Saramago profere ao ser questionado, durante entrevista em sua casa nas Ilhas Canárias, sobre ter medo da morte; ele responde evocando a memória de sua avó: "O pior que a morte tem é que antes estavas, e agora já não estás [...] ela não tinha pena de morrer, ela tinha pena de já não estar no futuro [...]". Para uma pesquisadora atenta, ali já está o indício de que os fenômenos espaço-temporais permeiam, em certa medida, a mente do autor, configurando-se, possivelmente, como vetores para a sua produção literária.

Diante do exposto, argumentamos que há uma transgressão do espaço-tempo em *As Intermitências da Morte* de José Saramago. De modo que, é a partir da personagem da Morte, uma figura universalmente associada ao tempo e à finitude, que podemos vislumbrar essa

transgressão. Isto é, ao interromper abruptamente e inexplicavelmente sua atividade, e deixando os personagens em um estado de morte suspensa, a personagem Morte, transgride o elo vital de percepção do espaço-tempo dos personagens, e portanto, da sociedade. Neste sentido, a suspensão da morte afeta o fluxo tido como normal do tempo e da vida, e cria uma espécie de paradoxo temporal, gerando o questionamento do próprio conceito de tempo e a relação entre tempo e vida, como uma forma de reorganização da sociedade; e é claro, trazendo inúmeras questões filosóficas, éticas e morais a luz de um novo dia.

Ademais, a transgressão do espaço-tempo faz-se perceptível no fato de que a Morte deixa de existir em um lugar não especificado, porém de fronteiras bem demarcadas, o que universaliza o espaço: "Pelo fato de não haver uma data específica para os acontecimentos, o autor promove a universalização do espaço e do tempo. Assim, a greve da morte poderia acontecer em qualquer ano da contemporaneidade" (SIBIN, 2015, p. 201). A percepção de que a Morte não tem uma localização específica também afeta a concepção de espaço e cria um elemento de ambiguidade espacial, colocando os personagens da narrativa em um dilema de identificação territorial - espacial -: se por um lado, dentro das fronteiras deste país indefinido não se morre, por outro lado, fora dali tudo ocorre como anteriormente; nesse sentido, qual espaço fornece uma percepção correta da realidade? É justamente a transgressão no espaço-tempo que está posta diante das personagens.

Nesse sentido, é possível vislumbrarmos a transgressão do espaço-tempo na obra de Saramago como um colapso da linearidade temporal, em que o passado, o presente e o futuro se fundem em uma experiência perceptiva única e contínua, na qual as fronteiras entre as dimensões espaço-temporais se desfazem. Nesse contexto, a memória funcionará como uma espécie de "ponte" entre as diferentes dimensões do espaço-tempo, permitindo que os personagens transitem entre elas. Dessa forma, podemos dizer que a obra de Saramago, ao explorar a memória como um elemento que desafia a linearidade temporal, propõe uma reflexão profunda sobre a natureza do espaço e do tempo, sugerindo que essas dimensões são potencialmente mais fluidas e mutáveis do que acreditamos.

Assim, é possível afirmar que as transgressões espaço-temporais presentes na narrativa de *As Intermitências da Morte* não se limitam a uma mera quebra das leis físicas ou matemáticas, mas estão diretamente relacionadas com o papel da memória na construção da realidade. Este aspecto pode ser analisado pela ótica de Bergson em *Matéria e Memória* (1999), onde o autor propõe uma teoria da percepção que considera o tempo como uma dimensão subjetiva que é vivida de forma diferente por cada indivíduo, dependendo de sua memória e experiências anteriores. Neste sentido, a partir do momento em que a morte

suspende por sete meses a sua existência, a sociedade humana precisa lidar com uma nova forma de compreensão do espaço-tempo, e essa compreensão é diretamente influenciada pelas experiências e memórias individuais e coletivas, conforme nos iluminou a obra *Memória e Vida* (2006), onde Bergson apresenta a teoria da continuidade entre a memória individual e a memória coletiva, argumentando que a memória individual é uma parte integrante da memória coletiva. Com efeito, sem a finitude da vida o conceito de futuro perde seu sentido, já que não há mais um horizonte temporal definido pelo ciclo natural da vida: a morte; afetando a idealização e percepção do passado, através da ruptura abrupta com a morte, que se configura dentro da narrativa como parte fundamental da história e da cultura humana. Apoiando-nos na teoria de Halbwachs em *A Memória Coletiva* (1990), onde a memória coletiva não é uma soma de memórias individuais, mas sim uma construção social que é influenciada pelas instituições e grupos sociais que a mantêm, podemos compreender que a mudança na forma como os personagens se relacionam com a mortalidade, é também uma transgressão no espaço-tempo, especialmente através da ruptura com as instituições sociais, culturas e processo históricos pré-estabelecidos.

No contexto analítico da obra *As Intermitências da Morte* de José Saramago, as ideias de Bergson (1999, 2006), sobre a natureza do tempo e da memória, foram relevantes para entender as potencialidades de transgressões espaço-temporais presentes na narrativa, Além disso, as ideias de Bergson (1999), sobre a relação entre matéria e memória são úteis para compreendermos a forma como a ausência da morte afetou a percepção da vida e da mortalidade pelos personagens da narrativa. Segundo Bergson (1999), a memória não é uma mera cópia do passado, mas uma forma de acesso à vida passada que nos permite compreender o presente, assim, uma vez que a ausência da morte é uma ruptura radical com a experiência passada da humanidade, a memória é, portanto, um elemento crucial para a compreensão das consequências dessa ruptura abrupta, verificada pelas ações dos personagens frente ao cenário - nunca antes registrado na história da humanidade - que se desvela para os mesmos. Com efeito, a ênfase na dimensão subjetiva e não-linear do tempo, na teoria proposta por Bergson, e trazida a luz por Worms (2004), foi de grande utilidade para a percepção da maneira como a narrativa de Saramago explora as consequências de uma ruptura no fluxo do tempo; e como os personagens percebem e articulam suas ações e psiques a partir dessa mudança radical na realidade.

Portanto, *As Intermitências da Morte* é em nossa recente leitura, um exercício de transgressão espaço-temporal; se por um lado é na dança eterna entre a vida e a morte que repousam os privilégios de se perceber finito, e por consequência, perceber e tocar o

espaço-tempo em que se habita, por outro lado, é na ruptura com o ciclo natural da morte, na sua suspensão que poderemos perceber estes privilégios. Assim como não se foge dela, a Morte, não podemos nos prevenir dela, a Vida. Nesse movimento etéreo, misturam-se às pulsões de vida e morte à necessidade da finitude que prevalece e garante a completude da própria existência. E é aí que reside a potência da obra de Saramago, que desde seu espaço-tempo, toca a todos no agora, levantando questões que acompanham a humanidade constantemente, compreendidas e refletidas na materialização da Morte-humana e nas reações que tal materialização provoca. Desta forma abstrata, caótica e imersiva, ao espelho da própria Vida-Morte, com suas mensagens que nem sempre se entende, mas sempre se sente e é o que basta, José Saramago transgride o espaço-tempo para nos trazer uma profunda reflexão sobre a vida e a morte.

REFERÊNCIAS

100TVBRASIL. **José Saramago "Antes estavas, agora já não estás"**. YouTube, canal 100TVBRASIL. Publicado em 20 jun. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PU1j8y7JQDM>>. Acesso em: 4 Março 2023.

BACHELARD, Gaston. **Os Pensadores**. In: BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, p. 181 – 349, 1979.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação corpo espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri et al. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CONRADO, Iris Selene. **A Representação do Espaço nos Romances de José Saramago: Reflexões Sobre a Condição Humana e a Sociedade**. In: Göetttert, Jones Dari; MARSCHNER, Walter Roberto (orgs.). Transfazer o espaço: ensaios sobre literaturas nômades em metamorfoses de espaços, tempos e sujeitos andarilhos. Dourados, MS: Editora UFGD, v. 2, 2016.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LIMA, Denise Noronha. **O espaço da memória em José Saramago: literatura e autobiografia**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2017.

LOPES, Leandro Silva. **As intermitências da morte, de José Saramago: um ensaio alegórico da finitude**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte (MG), 2014.

MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

NOGUEIRA, Carlos; BALTRUSCH, Burghard; CERDÀ, Jordi. **José Saramago e os Desafios do Nosso Tempo**. Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2022.

PEIXOTO, José Luís. **Cemitério de pianos**. Bertrand Editora, 2006.

PEREIRA, Maria Luiza Scher; LACERDA, Wagner. **Literatura e Política na ficção de José Saramago**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP–São Paulo. 2008.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução, notas e índices por Rodolfo Lopes. 1. ed. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

REAL, Miguel. **José Saramago: a consistência ética do compromisso político**. In Atas do Congresso Internacional "José Saramago, 10 anos depois do Nobel" (pp. 1-10), 2010.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

ROVELLI, Carlo. **A Realidade Não é o que Parece: A Estrutura Elementar das Coisas**. 1ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2017.

RUIVO, Horácio. Espaço e memória em Saramago. Pilares de suporte na defesa de valores éticos. **José Saramago e os Desafios do Nosso Tempo**, p. 53, 2021.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Espaços literários e suas expansões. **Aletria: Revista de estudos de literatura**, v. 15, n. 1, p. 206-220, 2007.

SARAMAGO, José. **As Intermitências da Morte**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIBIN, Elizabete Arcalá. A representação ficcional do tempo na narrativa de José Saramago. **Muitas Vozes**, v. 4, n. 2, p. 191-208, 2015.

WORMS, Frédéric. A concepção bergsoniana do tempo. **DoisPontos**, v. 1, n. 1, 2004.